

**A INTERAÇÃO  
ENTREVISTADOR-  
INFORMANTE NUMA  
COMUNIDADE DE  
PESCADORES DE  
GUAÍRA, PR**

SEIDE, Márcia Sipavicius<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Docente do Colegiado de Letras da Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon.

RESUMO: Este artigo apresenta resultados parciais de um projeto de pesquisa intitulado "O cenário dos pescadores em Guaíra: história, memória e linguagem".<sup>2</sup> A partir de dados provenientes de entrevistas feitas por historiadores a pescadores de Guaíra- PR, em agosto de 2006, esse artigo traz reflexões sobre o fenômeno conhecido como o paradoxo do observador. Os dados analisados ao longo do artigo baseiam-se na fala de dois pescadores de faixa-etária, naturalidade e vivências distintas. Delineado o perfil sociológico da comunidade, tem início a análise propriamente dita, baseada na Estilística entendida em seu viés sociolingüístico, isto é, enquanto disciplina que se ocupa das variações provenientes de escolhas expressivas por parte do falante, escolha influenciada contexto, pelo assunto, pelos participantes e pelo contexto social da conversa. A análise estilística da fala dos entrevistados demonstra que, apesar de esses sujeitos utilizarem estratégias distintas de aproximação, há a busca de um só objetivo: atender às expectativas dos entrevistadores.

PALAVRAS-CHAVES: Sociolingüística; Paradoxo do observador; Estilística.

ABSTRACT: This paper presents partial results of a research project whose title is "Fishmen scenario: history, memory and language". Starting from data of two fishermen interviewed by historians in August, 2006, this paper reflects on the phenomenon known as the observer paradox. Data analysed along the paper is based on the speeches of two fishermen who differs in terms of age group, place of birth and experience. First, a brief sociological profile of the community is pointed out, then, analysis itself is presented on a Stylistics basis, that is, Stylistics as Sociolingüistics: a discipline that study variations related to speaker's expressive choices made accordingly to the topic, participants and social context of the conversation. Analysis of the speeches of the individuals interviewed evidences that, despite the fact subjects use different strategies to become closer to the interviewer, they have the same objective: to satisfy hearer's expectations.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Observer's paradox; Stylistics.

Das entrevistas feitas mediante pesquisa de campo numa comunidade de pescadores de Guairá (Paraná) em cinco, havia dados completos sobre local de nascimento e lugares onde os informantes viveram. Os dados disponíveis sobre local de nascimento e lugares onde viveu indicam que, via de regra, cada pescador entrevistado é proveniente de uma região distinta do Paraná ou do Brasil, tem uma trajetória pessoal dife-

<sup>2</sup> Este projeto conta com o apoio financeiro da Unioeste, congrega professores de Letras e de História e é coordenado pela Profa. Dta. Clarice Nadir von Borstel.

renciada e trouxe consigo sua família, não havendo muita identidade cultural para além do fato de todos viverem da pesca.

Na comunidade, cada família mora numa casa separada das outras e tem um barco próprio para a pescaria: ou se pesca em família ou forma-se uma dupla de trabalho. Uma vez que prevalece a primeira alternativa, pode-se inferir que a interlocução dá-se, preferencialmente, no interior da família e que a interação entre elas ocorre de modo mais esporádico e casual, mormente quando há alguma festa ou reunião no sindicato dos pescadores. Isto é especialmente válido nos casos em que o pescador e sua família vivem numa das ilhas ao redor do lago e não em suas margens. Muito provavelmente, há mais interação no interior das famílias do que entre elas, reforçando a norma familiar na fala de cada pescador.

Não obstante estes fatores de diversidade, não se podem subestimar os momentos nos quais há convivência entre eles por motivos de trabalho ou lazer. São momentos que propiciam situações de hibridização de culturas e de variedades lingüísticas em confronto, fatores que promovem certa unidade lingüística e cultural à comunidade que têm, na pesca, muitas vivências em comum, unidade – diversidade cultural e lingüística que remete a questões identitárias mais amplas.

Hall caracteriza o sujeito pós-moderno como aquele sem identidade fixa, essencial ou permanente (2003:10). Reconhecendo também a complexidade das questões identitárias na modernidade, Goffman defende que um mesmo indivíduo pode apresentar ao menos três tipos de identidade diferentes: a social, relacionada às categorias as quais ele pode pertencer; a pessoal, formada pelas características individuais como nome e aparência, e a do *ego* que responde pela sensação subjetiva de identidade, depende de suas experiências sociais: é como o sujeito se vê, visão forjada, via de regra, a partir de como ele é visto pelos outros. (MENDES, 2002:504).

Temos, assim, para cada membro da comunidade, uma identificação complexa e plural: do ponto de vista social eles são classificados como pescadores; do ponto de vista individual, há a identificação com o lugar de origem e, do ponto de

vista do *ego*, há, ao menos, duas alternativas possíveis: satisfação ou insatisfação com o próprio *status quo*.

Na verdade, trata-se de se constatar, em nível local, o que Butzge afirmara a respeito das comunidades lingüísticas do Oeste do Paraná (região a que pertence Guaíra): "as correntes migratórias que afluíram para essa região vão nos oferecer mais do que línguas diferentes, mas também variantes diferentes de uma mesma língua: o português do mineiro, do paulista, do gaúcho (...) ou ainda o português do fazendeiro, do peão, do arrendatário (...)." (2003:129)

A heterogeneidade cultural e lingüística dos conglomerados humanos, contudo, não impede a tendência uniformizadora impulsionada pela escola, pelos meios de comunicação em massa e, sobretudo, pela globalização que permite, motiva e talvez até mesmo force o trânsito de capital, informação, conhecimento e pessoas ao mesmo tempo que, paradoxalmente, representa uma forma niveladora.

Com vistas ao estudo estilístico no nível do idioleto, na comunidade de pescadores de Guaíra, foram selecionados alguns dos enunciados de dois informantes: E 1 e E 2. Esta escolha pautou-se na busca de entrevistados que fossem, do ponto de vista dos fatores sociológicos, os mais diferentes possíveis.

Esses entrevistados se diferenciam pela idade (respectivamente 39 e 60 anos), pelo local de nascimento (Bataguassu – MT e Vera Cruz – PR), pela ascendência (o primeiro mineira e paranaense, o segundo paranaense e alemã) e também pela identidade do *ego*: enquanto o primeiro afirma ter aprendido a profissão de pescador com o pai, o segundo informa que foi obrigado a viver da pesca, percebe-se, assim, que, enquanto o primeiro parece estar satisfeito com seu *status quo* o segundo dá indícios de insatisfação.

Outra diferença importante diz respeito ao local de moradia de ambos. Antes da criação de uma reserva ambiental na região, os pescadores podiam morar às margens do lago ou em uma de suas ilhas: ao passo que E1 viveu poucos anos na ilha, durante sua infância, E 2 vive numa das ilhas do complexo. Provavelmente, aquele que ficou na ilha, vivendo

mais isolado, esteve em condições mais propícias para a manutenção de seu idioleto original, enquanto que aquele que viveu mais tempo às margens do lago, possivelmente, interagiu mais com os outros membros da comunidade, estando em condições propícias ao nivelamento da própria linguagem.

Ao descrever e analisar sua experiência de pesquisador de campo em meados da década de 70, o historiador italiano Alessandro Portelli evidencia as dificuldades com que a pesquisa de campo se depara em virtude das peculiaridades inerentes à relação estabelecida entre entrevistador-entrevistado (1997).

Conta o historiador que, ao fazer uma pesquisa de campo numa região rural ao sul da Itália, fez uma gravação de meia hora com um informante chamado Alfredo Crimi. Ao longo da entrevista, Portelli percebeu que Crimi negava-se a julgar, opinar ou criticar o que estava sendo narrado. Após alguns minutos de conversa informal, Crimi apresenta-lhe um poeta amigo seu. Ao final da apresentação, Crimi faz-lhe uma pergunta externando sua expectativa de que o poeta ficaria contente por ter sido apresentado a uma pessoa que não havia feito nenhuma pergunta de cunho religioso. Essa pergunta fez Portelli perceber que ele, "o observador", estava sendo observado, julgado e analisado o tempo todo pelo "observado". (1997: 8)

Esta experiência, somada à outra, ocorrida quatro anos antes, fez o pesquisador chegar à conclusão de que a troca entre os sujeitos estabelecida pela entrevista implica numa visão mútua. Sendo assim, para que uma interação resulte numa comunicação mais efetiva na qual sejam fornecidas informações mais fidedignas, é fundamental que, de alguma forma, os sujeitos envolvidos se igualem. Esta necessidade de igualdade, porém, gera um paradoxo à medida que a hierarquia existente na sociedade faz com que as relações de poder entrem em jogo toda vez que o pesquisador e o informante se encontram (idem: 9-10).

No âmbito da sociolingüística, Labov foi o primeiro a observar este fenômeno, por ele chamado de paradoxo do observador. Se o objetivo do pesquisador é observar como as pessoas conversam entre si quando não estão sendo observadas, tem-se um problema, em princípio, insolúvel à medida

que qualquer observação sistemática do falante define um contexto formal no qual a atenção à própria fala é maior que a mínima necessária para quando a comunicação se dá espontaneamente. Depois de experimentar duas metodologias de pesquisa de campo – a observação participante e a entrevista face-a-face – Labov conclui que nenhuma delas consegue solucionar o paradoxo do observador (1986: 28- 29).

A primeira metodologia remete às investigações empreendidas por Gumperz e Hemnes em meados da década de 60 do século passado cujo objetivo era gravar amostras de grupos de pessoas interagindo entre si. Muito utilizada por antropólogos sociais e etnógrafos esta técnica é avaliada por Labov como aquela em que a influência do observador é mínima. Contudo, adverte, a utilização dessa metodologia raramente resulta num registro preciso dos dados lingüísticos, uma vez que o uso de aparelhos de gravação costuma intimidar o informante.

A segunda metodologia avaliada, por sua vez, provém das pesquisas iniciais de Labov em *Martha's Vineyard* e foi aprimorada mediante pesquisas aplicadas por lingüistas em várias localidades durante a década de 60 e início da década de 70 do século passado. A metodologia da entrevista face-a-face, porém, reconhece Labov, tem sua eficácia limitada ao registro das opiniões e das atitudes da população entrevistada, haja vista que a técnica de interação adotada aumenta a influência do observador.

Frente às desvantagens e às vantagens de cada metodologia, Labov propõe que ambas devem ser aperfeiçoadas de modo a se complementarem de modo a possibilitar registro o mais acurado possível do vernáculo utilizado pelos informantes (o vernáculo é definido o estilo de fala – *mode of speech* – adquirido na pré-adolescência, aproximadamente entre os 9 e os 12 anos de idade, utilizado em interações coloquiais, informais e espontâneas).

Se em sua especificidade o paradoxo do observador é um obstáculo a ser enfrentado por todos aqueles que fazem pesquisa aplicada na área das Ciências Humanas em geral e na da Sociolingüística em particular, em sua essência, o fenômeno descrito por Labov aponta para uma questão filosó-

fica mais ampla: a de saber em que medida é possível isolar sujeito pesquisador e objeto pesquisado, anulando, assim, a influência do primeiro sobre o segundo de modo a garantir a pretensa objetividade da ciência. Dados os objetivos desse artigo, o paradoxo do observador não será discutido em seu viés filosófico e/ou epistemológico, uma vez que a investigação empreendida tem por escopo verificar se e em que medida as estratégias escolhidas pelos entrevistadores são capazes de diminuir a influência do observador na pesquisa de campo.

Conscientes do fenômeno do paradoxo do observador, os entrevistadores foram a campo com o objetivo de coletar informações sobre a comunidade de pescadores de Guaira por meio de narrativas orais. Cumpre esclarecer que se para o historiador, a precisão e a veracidade das informações fornecidas é uma questão crucial quanto se trata de trabalhar com relatos orais, para o lingüista, é mais importante perceber em que nível e registro o relato é feito e em que medida as falas são espontâneas. Uma vez que sua preocupação está em coletar dados que estejam o mais próximo possível da fala espontânea e distensa do informante, o paradoxo do observador influencia tanto a pesquisa de campo dos sociolingüistas quanto a dos historiadores, antropólogos e cientistas sociais.

Conforme mostra a seguinte análise do começo das entrevistas selecionadas para este artigo, a tentativa de minimizar o distanciamento provocado pelo paradoxo do observador levou os entrevistadores a adotarem certas estratégias de aproximação.

Antes de dar início à análise da entrevista face-a-face, importa fazer algumas considerações sobre este evento interativo e os posicionamentos que podem ser assumidos pelo falante e pelo ouvinte com base nos conceitos de enquadre e *footing* propostos por Goffman (1998).

O enquadre indica o sentido implícito da mensagem emitida ou recebida: da primeira perspectiva, mostra "como sinalizamos o que dizemos ou fazemos"; da segunda, indica "como interpretamos o que é dito ou feito". A introdução e a manutenção dos enquadres organizadores do discurso, por parte dos participantes de encontros face-a-face, são decor-

rências das respostas dadas aos questionamentos sobre onde a interação está situada e sobre o que está acontecendo no momento e no lugar em que a interação ocorre (GOFFMAN, 1989:70). Considerando-a em sua dimensão interativa,

enquadre se refere à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretado. Para usarmos o exemplo clássico de Bateson, um macaco precisa saber se uma mordida de um outro macaco deve ser entendida dentro do enquadre de brincadeira ou do enquadre de luta. As pessoas constantemente se deparam com esta mesma tarefa interpretativa. Para compreender qualquer elocução, um ouvinte (e um falante) deve saber dentro de qual enquadre ele foi composto: por exemplo, é uma piada? é uma discussão? Algo produzido para ser uma piada mas interpretado como um insulto (certamente podendo significar ambos) pode originar uma briga. (TANNEN; WALLAT, 1998 : 123)

O conceito de *footing* é um desdobramento do conceito de enquadre que

representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante em relação a outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Passa, portanto, a caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e, sobretudo, a sua natureza discursiva. Em qualquer situação face-a-face, os *footings* dos participantes são sinalizados na maneira como gerenciam a produção ou a recepção de um enunciado. *Footings* são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. (GOFFMAN, 1998: 70).

A base estrutural do *footing* pode ser estudada, analisando-se as noções clássicas de ouvinte e falante de acordo com a estrutura de participação do primeiro e o formato de produção do segundo, sendo que as mudanças de *footing* formam um contínuo: num extremo estão mudanças de posicionamento bem evidentes; no outro, sutis alterações de tom. (idem; 74).

Numa interação face-a-face, o ouvinte pode assumir a posição de participante ratificado (a quem o falante dirige sua fala) ou não-ratificado (que ouve a fala dirigida a outrem por acaso ou de propósito). O falante, por sua vez, pode assumir apenas o papel de animador (por meio de seu aparelho fonador há a animação, isto é, a produção fonética do que



precisa ser dito), como no caso da tradução simultânea, por exemplo. Outra possibilidade é o falante assumir os papéis de animador e autor e efetivamente selecionar o que será dito bem como os meios de expressão para tanto. Pode ocorrer, também, de o falante assumir o papel de responsável, neste caso, ele fala como representante, como responsável por um grupo ou categoria social, lhe sendo atribuída a autoridade correspondente ao cargo que ocupa (idem: 87).

Considerando, então, a noção de enquadre, que determina a estrutura de participação do falante, e os papéis de ouvinte e de falante, vistos como interdependentes, intercambiáveis e construídos ao longo da interação, é possível delinear as expectativas de ambas as partes com relação à entrevista.

Os entrevistadores sabem que a interação caracteriza-se por uma entrevista face-a-face cuja formalidade e a autoridade de que se revestem como professores universitários podem aumentar o paradoxo do observador. Por este motivo, há uso deliberado de estratégias de aproximação, que visam atenuar não só a autoridade de que eles se revestem mas também o enquadre entrevista formal, construída de modo a aproximar-se, tanto quanto possível, do enquadre conversa coloquial.

Segundo o depoimento dos informantes, há alguns anos, professores da Universidade Estadual de Maringá (UEM) desenvolveram, na comunidade, uma atividade de extensão voltada à análise da qualidade do peixe pescado. Isto significa que os entrevistadores conhecem o enquadre da entrevista face-a-face a professores universitários e estão cientes do papel que lhes cabe: a de fornecer as informações pedidas, atendendo às expectativas, isto é, "falando o que o outro quer ouvir".

Antes de se iniciar a análise das falas do entrevistado e dos informantes com o objetivo de observar e analisar as estratégias de aproximação utilizadas e sua eficácia é conveniente esclarecer a metodologia utilizada. Labov defende que não há falante que possua um estilo único, todos alteram seu estilo de fala (*style shifting*) de modo consistente de acordo com o assunto, os participantes e o contexto social mais amplo (LABOV, 1986: 29).

O estilo a que se refere Labov pode ser entendido como o resultado de uma escolha entre os recursos expressivos do idioma visto como “um fundo comum posto à disposição do usuário que o utilizam conforme suas necessidades de expressão, praticando sua escolha, isto é, o estilo, na medida que lhe permitem as leis da língua” (MARTINS, 1997: 4). Identificando e analisando os aspectos expressivos da fala, isto é, a expressividade das escolhas das palavras a serem utilizadas, da forma de tratamento endereçada ao interlocutor, das estruturais sintáticas, dos tempos verbais, entre outros, faz-se uma análise conforme a Estilística tal qual a definiram David Crystal e Derek David ao final da década de 60 do século passado:

Segundo estes autores [...], a Estilística estuda certos aspectos da variação lingüística. [...] Cabe à Estilística estudar as variedades, quer da língua falada, quer da língua escrita, adequadas às diferentes situações e próprias de diferentes classes sociais. Para estes autores, Estilística é Sociolingüística, e pode ser útil a muita gente: ao sociólogo, ao psicólogo, ao filósofo, ao crítico literário, (...) enfim, a todos os interessados no uso da linguagem em sociedade (MARTINS, 1997: 6).

Enquanto E1 foi entrevistado por um professor de História de 36 anos, E2 o foi por uma professora de história de 58 anos, respectivamente, Robson Laverdi e Geni Turazza, professores da Unioeste e colaboradores da pesquisa coordenada por von Borstel.

Em ambos os casos, entrevistado e entrevistador estão na mesma faixa etária. Ao que tudo indica, os entrevistados escolheram os entrevistadores de forma aleatória. A variante idade não foi utilizada como critério, na verdade, foram entrevistados os pescadores que se achavam disponíveis na comunidade no dia em que a pesquisa de campo foi feita.

Mesmo inconscientemente, esta é a primeira estratégia de aproximação utilizada pelos entrevistadores: conseguir certa identidade geracional junto ao entrevistado. As demais estratégias são as evidenciadas pela análise da conversação exposta a seguir.

A entrevista a E1 começa da seguinte maneira:

*Entrevistador - Bom, A., vamos começar conversando. Então, fala um pouquinho desse tempo aí que você nasceu no Mato Grosso. Nasceu no Mato Grosso<sup>3</sup>, né? Nasceu no Mato Grosso, mas ficou muito pouco tempo e veio pra cá e foi pra ilha direto?*

*El É, viemu pra cá e fomo pra ilha direto.*

Neste início de conversa, foram observadas algumas estratégias de aproximação utilizadas pelos interlocutores. O entrevistador faz uso das seguintes: uso da primeira pessoa do plural na primeira frase, uso do imperativo e retomada de informações dadas previamente pelo entrevistado em conversa informal. A estratégia utilizada pelo entrevistado, por sua vez, consiste em mimetizar a forma e/ou o conteúdo da fala do entrevistador.

O uso da primeira pessoa do plural, por parte do entrevistador, inclui El em sua fala denotando, de sua parte, uma tentativa de aproximação. O uso do imperativo, por sua vez, tem função exortativa: este modo verbal não é utilizado para ordenar, mas sim para incentivar o entrevistador a falar, valendo, pois, como um convite.

Outra estratégia que motiva o interlocutor é retomar a fala do entrevistado, já que põe em relevo o conhecimento que ambos têm em comum. Nota-se que a valorização deste incipiente conhecimento em comum evita o constrangimento causado quando o entrevistador é um recém-chegado na comunidade pesquisada. Nestes casos, é muito difícil manter uma conversa – seja ela longa ou breve – com alguém que “começa do zero”: há tanto a ser explicado, que não há por onde começar (LABOV, 1986:30). Olhando por este prisma, pode-se dizer que a estratégia do entrevistador foi bem sucedida já que conseguiu superar esta dificuldade inicial.

Por parte de El, nota-se que sua resposta não acrescenta nenhuma informação adicional e, do ponto de vista da expressão, também há mimetização: El usa as mesmas estru-

<sup>3</sup> O entrevistador, em sua fala, diz que Bataguassu fica no Mato Grosso pois baseou-se em conversa informal anterior à entrevista. Na região oeste do Paraná, ninguém diferencia o Mato Grosso do Sul do Mato Grosso, como se o primeiro ainda fizesse parte do segundo. A consulta à lista de municípios divulgada pelo IBGE demonstrou que Bataguassu é um município do MS e não do MT.

turas utilizadas na pergunta, apenas varia a pessoal verbal. O uso dessa estratégia pode revelar, por parte de E1, uma preocupação por fazer uma “aproximação segura”: não indo além do que o outro diz, fornecendo exatamente a informação pedida pela pergunta e usando expressões semelhantes àquelas utilizadas pelo outro, não se corre o risco de desagradar.

Percebendo o vazio deixado pela resposta de E1, o entrevistador faz-lhe outra pergunta:

*Entrevistador: Quem eram seus pais...o que seus pais faziam no Mato Grosso?*

*E1 – Meus pai tinham tipo uma lagoa né?*

*Entrevistador: Uma lagoa?*

*E1 - Veio para cá direto e trouxe uns cabra véio aí, e uns coiso e fez um rolo e [pegou] pra Guaíra. Deixou a .... a minha mãe aqui na beirada do rio né? Que tinha as casinha aqui e já foi para lá, e já foi de braça larga aí.*

Nota-se que, neste momento da conversa, E1 sente-se mais à vontade, pára de mimetizar o interlocutor e começa a falar de si e de sua família. Nas falas seguintes, contudo, ele volta a utilizar-se da estratégia mimética ainda que, em alguns momentos, sua habilidade lingüística falhe e ele não consiga empregar os mesmos meios de expressão de seu interlocutor. É de se observar, também, como o entrevistador lida com o ato falho do entrevistado. De modo a que não haja nenhum impasse, é feita a E1 uma pergunta que lhe possibilite retomar o turno conversacional :

*Entrevistador – Ele comprou a ilha?*

*E1 Ele comprou.É...antigamente tinha muito.*

*Entrevistador – Foi um momento de posse de terra, não foi?*

*E1 É foi um momento da né?*

*Entrevistador–Ele comprou direto?*

*E1– Comprou direito. Comprou lá, deixou, ficou trabalhando, comprou outras casas também, ainda dava.*

O início da entrevista a E2, por sua vez, mostra que há não semelhança quanto às estratégias utilizadas:

*E2 – Seu E., eu gostaria que o senhor começasse a contar assim, é... da...da sua infância, da sua vida, quem é o senhor, quem eram seus pais, de onde o senhor veio, quer dizer, tudo o que o senhor puder contar da...*

*I E. Tudo?*

*E2 Dessa época, do passado.*

*IE. Óia, primeira vez, quando viem de Cruz Machado pra Rondon foi muito bom. Era tudo sertão na época.*

Diferentemente do entrevistador, a entrevistadora utiliza o pronome de tratamento de respeito e cortesia, como é de praxe quando o falante se dirige a uma pessoa de mais idade. O tom cortês da entrevistadora também é perceptível na maneira pela qual ela lhe pede para contar algo de sua vida e de seu passado.

Enquanto o entrevistador escolheu o imperativo com função exortativa, a entrevistadora preferiu usar uma estrutura com futuro do pretérito na oração principal. Conforme explicam Celso e Cunha (1985:451) trata-se do uso do futuro do pretérito para expressar um desejo presente de forma polida e educada.

Ao passo que o entrevistador utiliza a estratégia de valorizar a fala de E1 espelhando-a, a entrevistadora opta por mostrar-se especialmente cooperativa e didática, o que se nota na segunda parte do enunciado por meio da qual a professora fornece algumas possibilidades de resposta a E2 e tenta expressar-se da maneira mais clara possível conforme evidencia a explicação fornecida após a locução verbal “quer dizer” .

Frente a tais instruções, E2 quer certificar-se de que entendeu as orientações perfeitamente. Pergunta o que a entrevistadora quer dizer com a palavra *tudo* e recebe as explicações devidas. Nesse momento, percebe-se a atuação de uma estratégia de cooperação por parte de E2: seu pedido de esclarecimento ou confirmação revela quão preocupado ele está em atender às expectativas do interlocutor. O uso dessa estratégia evidencia que, quanto ao objetivo almejado E2 e E1 igualam-se.

Certo sobre o que deve falar, E2 chama a atenção da entrevistadora por meio do verbo “olhar” no imperativo, marcador conversacional que serve para enfatizar mudança de turno, sinalizando o início de outro. Analisando-se as in-

formações e avaliações fornecidas, percebe-se que, num primeiro momento, E2 coloca-se à vontade, não temendo expor-se frente ao outro, diferente de E1, cujo primeiro enunciado não promove qualquer progressão temática.

Ainda que utilizando estratégias distintas, tanto E1 quanto E2 têm a mesma preocupação por corresponder às expectativas do entrevistador e “acertar” tanto no que pode ou não ser dito, quanto na escolha das expressões mais apropriadas à situação. Este monitoramento da própria fala indica que há, por parte do entrevistado, uma espécie de auto-censura que norteia tanto a conteúdo quanto a forma daquilo que é dito, indicando que a aproximação conseguida por meio das estratégias utilizadas, embora tenha motivado os entrevistados a fornecerem as informações desejadas, talvez não tenha sido suficientes torná-las mais fidedignas.

Conforme já foi comentado, importa ao lingüista determinar em que nível e registro estão as falas coletadas e em que medida a fala utilizada é espontânea. Deste ponto de vista, a análise estilística das entrevistas dá indícios de que foi utilizada uma linguagem coloquial e espontânea ainda que não totalmente distensa, haja vista a preocupação dos pescadores com as expectativas dos entrevistados. Percebe-se, assim, que ainda que o uso de estratégia aproximativa possa diminuir a influência do observador, não é possível anulá-la, tornando o paradoxo do observador um fenômeno inevitável que não pode deixar de ser levado em consideração em todas as etapas da pesquisa de campo: da coleta à análise.

## REFERÊNCIAS

BUTZGE, Clóvis Alencar. Comunidades Lingüísticas: as fronteiras da identidade. *Anais da 6ª Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários: literatura e diversidade da linguagem*. Marechal Cândido Rondon, PR: 2003, p. 126-137.

CUNHA Celso; CINTRA LINDLEY. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GOFFMAN, Erving. “Footing”. In *Sociolingüística Interacional*. Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso. RI-

BEIRO; GARCÉZ (orgs.). Porto Alegre: Age: 1998, p.70 – 97. Texto original publicado em *Semiotica* 25:1-29, 1979.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

LABOV, William. “Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation”. In BAUCH J; SHERZER (orgs). *Language in use*. New York: Prentice- Hall, 1986, p.28-53.

LYONS, *Semantics* (2vols). Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à Estilística*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

MENDES, J.M. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Souza. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p.503-540.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como instrumento em igualdade. *Proj. História*, São Paulo, (14), fev. 1997.

PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala*. São Paulo: Edusp, 1997, [1972].

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. “Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/consulta médica”. In *Sociolingüística Interacional*. Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso. RIBEIRO; GARCÉZ (orgs). Porto Alegre: Age: 1998, p.120 – 141. Texto original publicado em *Social Psychology Quarterly*, 50 (2):205-216, 1987.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTA LÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:  
[www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)